

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA
TÓPICOS ESPECIAIS DE ENSINO EM GEOGRAFIA

**Análise Perceptiva dos Ingressantes no Curso de Geografia da Universidade
Federal de Viçosa no Ano de 2008**

Eliane Soares Benfica 45208
Lucas M.F. da Silva 51125
Bruno Reggiani Arantes 51155
Fábio Salgado Araújo 51160

Viçosa – MG
Junho/2008

Introdução

Iniciado em 2001, o curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa é relativamente novo, e como a maioria dos cursos superiores de Geografia no Brasil, tem enfrentado inúmeras dificuldades que vão desde as questões físicas e estruturais como também as questões teórico-metodológicas, que envolvem a formação de profissionais licenciados e bacharéis. Esse processo de construção do curso na UFV é, todavia, permeados por avaliações, discussões, reformulações da grade e das disciplinas com a participação de representações de professores e estudantes, numa tentativa de se construir coletivamente com os principais envolvidos. Isso gerou algumas significativas mudanças da grade curricular, das disciplinas e do corpo docente do curso que começaram a ser incorporadas a turma que ingressou em 2008.

As expectativas, entendimentos e percepções desses futuros profissionais de geografia sejam como bacharelado ou licenciado, que são trazidas de suas formações e vivências anteriores começam a interagir a partir do momento em que se inicia o curso. Esse é o momento de descoberta da universidade, do curso de Geografia da UFV e as questões que o envolvem.

A bagagem trazida por esses estudantes é importante também para se pensar os rumos do curso de Geografia e suas mudanças, não só em Viçosa, mas de todas as instituições de ensino levando em consideração quem entra e como entra, para que se reforce o debate de como este deve sair, qual formação deve ter e principalmente de como deve atuar.

Desta forma, procuramos através de entrevista aos ingressantes do Curso de Geografia em 2008, identificar e analisar sua origem e motivos da escolha por Viçosa e pela geografia e as percepções que estes possuem do que seja esta Ciência e o que mais o chama atenção.

A história da ciência geográfica: um pequeno resumo

Não temos como objetivo do trabalho fazer uma revisão sobre a história da ciência geográfica, mas consideremos imprescindível fazer um pequeno resumo

para que possa nos ajudar a refletir sobre a ciência geográfica na atualidade no sentido de permitir uma análise melhor sobre as perspectivas dos ingressantes.

A geografia só conquistaria a posição de ciência autônoma nas últimas décadas do século XIX, em face à importância política do conhecimento do território e às formulações feitas por homens que serviam aos desígnios dos seus governos, da expansão colonial, ou a analisavam para criticar as estruturas políticas então dominantes. (ANDRADE, 1989. p. 11). Entre as razões que explicam o desenvolvimento da geografia enquanto ciência está o conhecimento efetivo da extensão real do planeta, a existência de uma ampla gama de informações sobre os variados lugares do planeta, o aprimoramento das técnicas cartográficas. (MOARES, 1995. p. 34-38).

As preocupações científicas e geográficas surgiram a partir do séc. XIX quando Alexander Von Humboldt que possuía uma formação naturalista realizou inúmeras viagens, observando as relações existentes entre associações vegetais e as condições do clima e do solo; preocupando-se ainda em observar os sistemas de exploração entre dominadores e dominados para obterem uma utilização mais racional dos recursos disponíveis. A obra de Humboldt não tinha um conteúdo normativo explícito. No mesmo período, o filósofo e historiador Karl Ritter, professor na Universidade de Berlim, procurou estudar os vários sistemas de organização do espaço terrestre, comparando povos, instituições e sistemas de utilização de recursos. Na obra de Ritter já tem explícito uma abordagem metodológica e um intuito deliberado de propor uma Geografia. Os dois sábios alemães, de diferentes formações, davam origem a uma nova ciência de cuja existência certamente não suspeitavam ao iniciarem as suas reflexões. Ambos tiveram um grande desempenho na difusão e ampliação do novo ramo de conhecimento; Humboldt, estabelecendo-se inicialmente em Paris e em seguida em Berlim, foi grande animador da fundação de sociedades de exploradores, já denominadas Sociedades Geográficas ou de Geografia, que se dedicaram à realização de expedições de pesquisas e de levantamento de informações nas várias partes do mundo. Karl Ritter foi bem menos dinâmico que Humboldt e sua ação concentrou-se mais no magistério, na Universidade de Berlim, e na

compilação e interpretação dos textos enviados por estes expedicionários. Daí haver desenvolvido o método comparativo em geografia e haver sido professor dos dois geógrafos famosos que consolidam o conhecimento geográfico em bases verdadeiramente científicas: Frederic Ratzel e Elisée Reclus. (ANDRADE, 1989).

Ratzel, naturalista e etnógrafo alemão, viveu o momento histórico em que a Alemanha realizava a sua unidade, estando, em seu pensamento e em sua ideologia, bastante identificado com os anseios e as aspirações da burguesia alemã. Ele trouxe as reflexões a respeito do papel desempenhado pelo homem no território para o campo das divagações escrevendo o seu famoso livro *antropogeografia* em que defendeu a teoria da grande influência do meio físico, da natureza, sobre homem, a sua conduta e a sua estrutura social. Daí ser considerado em geral como fundador da escola determinista alemã. Continuando seus estudos aprofundou as suas reflexões sobre o Estado e seu relacionamento com o espaço comparando estados continentais e marítimos e admitindo que a trajetória política de cada estado estava na dependência de sua posição geográfica. Sendo assim, Ratzel definiu o objeto geográfico como o estudo da influência sobre a humanidade e que a natureza influenciaria a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada. (MOARES, 1995).

Contemporâneo de Ratzel e também preocupado com o papel desempenhado pelo homem e pela sociedade na produção do território, destaca-se o francês Elisée Reclus. Havia, porém grande diferença entre um e outro: enquanto Ratzel apoiava a expansão imperialista da Alemanha, justificando-a, Reclus, como anarquista ou comunista libertário, como preferia ser classificado, militou contra a política oficial de seu país.

Com uma visão dinâmica das relações entre sociedade e natureza, Reclus, como ele mesmo afirmou, procurou, no primeiro livro, dar uma visão horizontal da ocupação e organização do espaço e no segundo dar uma visão vertical, mergulhando no tempo, a fim de melhor compreender as estruturas que lhe eram contemporâneas. No início do século XX começaram a se diferenciar consideravelmente as concepções da ciência geográfica nos vários países,

ganhando grande importância as chamadas escolas nacionais. Cada uma delas refletia, naturalmente, as concepções e os interesses dos respectivos países. Dentre as escolas nacionais logo se destacaram a alemã e a francesa. (pág. 15).

A influência positivista de Comte foi marcante sobre os geógrafos na primeira metade do século XX e esta concepção, aliada a expansão dos conhecimentos, agudizaram uma preocupação com a delimitação da área de estudo da Geografia e com a divisão da mesma em vários setores e ramos. (pág. 16).

Nesse período de geografias nacionais observa-se em algumas delas uma falsa preocupação com a neutralidade científica sob a alegação de que a ciência e, entre elas a Geografia, deveria refletir posições neutras, mais precisamente técnicas, não se envolvendo em problemas políticos. Tal posicionamento é inteiramente falso porque ao estudar os textos dos ditos geógrafos neutros, observa-se que eles refletem o pensamento das classes dominantes de seus países e os interesses políticos dos mesmos. (ANDRADE, 1989).

Assim, ao desenvolver na França os estudos de gênero de vida, Vidal de La Blache, o famoso chefe da escola francesa, procurou trazer aos que exerciam poder político e econômico, a idéia de como viviam as populações atrasadas das colônias, e em conseqüência, facilitar o desenvolvimento de técnicas de persuasão das mesmas. O objeto da geografia para La Blache era a relação homem-natureza na perspectiva da paisagem, mas que influencia o meio transformando-o (MOARES, 1995). Os trabalhos geográficos se transformaram em armas que facilitaram a penetração do capital no meio colonial, promovendo a formação de cidades e forçando as populações que viviam em um estágio comunitário a entrar na economia monetária.

Outra corrente de pensamento geográfico, que ficou conhecido como Geografia Racionalista, vinculou-se a A. Hettner e R. Hartshorne privilegiando um pouco mais o raciocínio dedutivo, fundamentando-se no neokantismo. A geografia para essa corrente seria o estudo das formas de inter-relações dos elementos, no espaço terrestre. As propostas da Geografia Racionalista não rompeu

definitivamente com a Geografia Tradicional, mas se afastou de suas colocações e já representava um papel de transição.(MOARES, 1995).

A Geografia Pragmática efetua uma crítica apenas a insuficiência da análise tradicional atacando o caráter não prático da Geografia Tradicional. Dessa forma, seu intuito geral é de uma renovação metodológica. O de buscar novas técnicas e uma nova linguagem, que dê conta das novas tarefas postas pelo planejamento. É uma crítica de nível formal e não de seus fundamentos. Uma das vertentes da Geografia Pragmática ficou conhecido no Brasil como Geografia Teorética Quantitativa. A crítica de Moares é que a progressiva especialização dos estudos, pela finalidade utilitária e pelas exigências do trabalho aplicado leva a perda total de qualquer perspectiva, quanto a unidade do universo da análise geográfica. (MORAES, 1995).

Dentro da renovação da Geografia, surge a corrente chamada de Geografia Crítica. Os autores ligados a essa corrente se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como uma arma desse processo. Esses autores pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem. Assim, a Geografia Crítica busca um espaço mais justo, que seja organizado em função dos interesses dos homens. (MOARES, 1995).

No Brasil o desenvolvimento de estudos geográficos se fez muito lentamente; durante o período imperial e da Primeira República os geógrafos se dedicaram mais a fazer estudos descritivos, levantamentos estatísticos e a produziram alguns Atlas. A formação de uma geografia brasileira com caráter científico se daria a partir de 1930, quando foram criadas o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as primeiras faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. No caso brasileiro a geografia foi institucionalizada muito tarde - na década de 30 - sendo ensinada nas Universidades e praticada no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, então criado. Nas universidades ensinou-se, sobretudo a geografia da escola francesa que, formulada em função da defesa dos interesses coloniais franceses, tinha uma visão europocêntrica do mundo e encarava o mundo tropical apenas com uma área de exploração. (ANRADE, 1989).

Os geógrafos de melhor formação filosófica e com compromissos sociais reagiram, a princípio em pequena minoria, apontando a falsidade da neutralidade científica e a alienação dos quantitativistas e, em trabalhos sucessivos, mostraram que a dança dos números poderia ser estética, mas não exprimia a verdade e nem a tradição da geografia. Estes, desde sua formação era altamente comprometida com o conhecimento da realidade e com os interesses, para uns, do Estado e, para outros, do povo.

Vê assim que a geografia como ciência tem tido uma evolução rápida e bem diversificada no tempo e no espaço, desde os fins do século passado, e tem sofrido alterações substanciais na forma de encarar ou de focar o seu método e seu objeto. Hoje ela não é mais ciência que estuda e descreve a superfície da terra, mas a ciência que analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, indicando as causas que deram origem a formas resultantes de relações entre sociedade e natureza.

Assim, para os partidários da manutenção do *status quo*, com modificações que modernizem mas não o transformem, o geógrafo deve ser um tecnocrata que maneje bem as máquinas e as fórmulas importadas, sem se preocupar com a finalidade a que se destine o seu trabalho. Ele deve ser uma espécie de engenheiro do espaço, fazendo trabalhos que, utilizados por grandes empresas e por governos a elas ligados, indiquem as condições mais eficientes para que se apropriem dos recursos e explorem a mão de obra disponível da melhor maneira. A lei de regulamentação da profissão, feita ainda no período autoritário, é uma demonstração clara deste objetivo. (ANDRADE, 1989).

O curso de geografia na universidade federal de viçosa

O curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa foi criado em 2000 sendo a primeira turma iniciada em 2001. Com o objetivo de formar professores de geografia para exercer as funções de docência no ensino fundamental e médio e geógrafos, o curso possui tanto a habilitação licenciatura quanto a de bacharelado.

O curso possui a característica de ter um núcleo comum de disciplinas que tanto compõe a grade da licenciatura quanto a grade de bacharelado com o objetivo de dar uma formação comum e sólida a ambas habilitações. O estudante poderá optar pela licenciatura ou bacharelado ou fazer as duas habilitações. Em cada uma das habilitações o estudante contará com um conjunto de disciplinas específicas que lhe dará uma formação ampla e preparará para exercer a habilitação. Uma das características do curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa é o conjunto de disciplinas que o estudante faz em outros cursos e departamentos que possibilita uma troca de conhecimento que amplia suas fronteiras do conhecimento geográfico.

O curso também possui uma ampla gama de disciplinas optativas não só do curso de geografia mas também de outros cursos e departamentos que o aluno deverá cursar para a complementação de sua grade curricular, permitindo assim uma ampla formação.

A partir de 2008 o curso de geografia passa por mudanças na sua grade curricular com o objetivo de tornar o curso mais atual. Esta reformulação é fruto de uma discussão em torno de se adequar melhor ao debate teórico que permeia a geografia na atualidade. De acordo com Oliveira, a geografia precisa unir teoria e prática na ciência geográfica para superar as falsas questões dualistas que tem permeado a mesma. (OLIVEIRA, 1994. p 28-30).

Os discentes de 2008 de geografia da universidade federal de viçosa

Desde sua criação, nunca houve no curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa um trabalho que traçasse o perfil dos discentes. Como o curso de geografia na Universidade Federal de Viçosa é recente e em menos de cinco anos já passa por transformações na sua grade curricular, um trabalho nesse sentido ajudaria a refletir sobre as expectativas e como os estudantes vêem a ciência geográfica para que o curso de geografia possa compreender como as transformações atuam sobre as perspectivas dos discentes.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em compreender como os discentes ingressantes do curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa chegaram a optar pelo curso e que noção eles tem de geografia. Pesquisar o perfil desses ingressantes pode colaborar para a reflexão e discussão sobre como a profissão de licenciado/bacharel é visto pelos futuros profissionais da área. Os resultados oriundos dessa pesquisa poderão identificar as peculiaridades dos ingressantes, o que permitirá uma melhor compreensão das expectativas e satisfação desses alunos.

As expectativas dos discentes e sua compreensão

Com o objetivo descrito acima, procuramos uma metodologia que permitisse compreender e analisar as expectativas atuais e como elas se relacionam com as experiências trazidas por esses alunos e seu grau de satisfação com aquilo que se depara na Universidade. Para isso, esse estudo tem um caráter descritivo, apoiando-se no pressuposto de que os significados das experiências subjetivas são acessíveis através da fala ou da escrita dos sujeitos pesquisados.

Procuramos nesse trabalho entrevistar todos os alunos ingressantes, pois entendemos que a entrevista poderá nos auxiliar não só na coleta de dados objetivos, mas também subjetivos, que só podem ser obtidos através da entrevista como valores, atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados. Com o objetivo de captar o maior número de informações e percepções possíveis, optamos por entrevista semi-estruturada onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir delas. O principal objetivo deste zelo é a possibilidade de comparação do conjunto de respostas, pois as perguntas, embora abertas, não têm interpretação dúbia. Sendo assim, as diferenças aparecem nas respostas, e não nas perguntas. Combinando perguntas abertas e fechadas o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Aproximando-se de uma conversa informal, a entrevista possibilitará uma maior interação entre

pesquisador e pesquisado, fazendo com que a entrevista capte percepções e expectativas dos entrevistados.

A entrevista proposta por nós contém uma primeira parte fechada com o objetivo de traçar um perfil do estudante com relação a sexo, idade e origem. A segunda parte da entrevista conta com algumas questões abertas como o porque da escolha de Viçosa, tentando identificar o que levou o aluno a escolher a Universidade Federal de Viçosa.

Há também uma pergunta sobre qual o assunto estudado até agora mais tem despertado interesse. Preferimos a escolha da palavra “assunto” a disciplina, pois isso poderia levar o aluno a responder fazendo uma ligação com o professor, sua conduta e mesmo com o seu rendimento na mesma. Procuramos também identificar nessa pergunta se existe ou não uma relação entre a identificação com um assunto hoje e as experiências do aluno antes de sua entrada na universidade.

Também constam na entrevista questões relacionadas ao entendimento do aluno do que seja geografia, procurando identificar o que os estudantes imaginam que é esta ciência e tentar captar se isso tem a ver com suas experiências anteriores à entrada na universidade. Existe ainda o intuito de captar a expectativa do aluno e fazer uma relação entre o entendimento do que seja a geografia com a escolha do curso. Perguntar os motivos da escolha de se fazer geografia também vai permitir entender os motivos que levou o aluno a fazer a mesma.

As perspectivas dos discentes e uma reflexão

Após a aplicação das entrevistas, procuramos fazer uma análise reflexiva sobre as mesmas procurando compreender as escolhas e perspectiva dos alunos em relação ao curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa. Obtemos êxito em conseguir aplicar as entrevistas em mais de 90% dos alunos ingressantes no curso. O Perfil dos ingressantes no curso é de 58% masculino e 42% feminino com idade entre 18 a 25 anos e uma concentração maior na faixa entre 18 a 20 anos (36,00%). A origem dos alunos é sobretudo de Minas Gerais,

com destaque para a cidade de Viçosa e cidades que se encontram na Zona da Mata mineira (45,70%). Há ainda uma percentagem relativa de estudantes vindos do estado de São Paulo (28,57%) e o restante da turma compõe-se de estudantes oriundos de outros estados da federação (25,73%).

A escolha da cidade de Viçosa está muito ligada à sua localização. Do total entrevistado, 25,00% fizeram sua opção por ser viçosense ou ter aqui algum familiar, percentagem que também se repete (25,00%) para a proximidade desta com a cidade onde residem. Os 33,34% que citaram um prévio conhecimento da UFV e a qualidade da instituição estão entre os oriundos de cidades mais distantes. Alguns outros fatores também apareceram, porém em percentagem menos significativa: 5,55% por ser a única instituição em que foi aprovado no vestibular e 11,11% englobando aqueles que apontaram para a assistência estudantil, para o aconchego de uma cidade pequena e para a qualidade da geografia física.

Em relação à questão que assunto mais tem lhe chamado a atenção houve uma grande diversificação de respostas em que podemos dividir em dois grandes grupos relacionado a geografia humana e a geografia física. Em torno de 61,54% dos entrevistados responderam que o assunto que mais tem lhe chamado a atenção está relacionado com geografia física, sendo destaque a área de climatologia (com 41,02% do total), seguido de meio ambiente (com 7,69% do total) e outras áreas correlatas (com 15,14% do total). Em torno de 20,51% do total de entrevistados responderam que o assunto que mais tem lhe chamado a atenção esta relacionado com geografia humana, sendo citado entre eles a política, a antropologia, a sociologia, entre outros. Com 17,95% apareceram aqueles entrevistados que não souberam responder a pergunta e mesmo depois de perguntado mais de uma vez, não conseguiram definir o que mais tem chamado a atenção até agora.

Quando foi perguntado o porquê do assunto que mais tem chamado a atenção, podemos relacionar os mais citados com as disciplinas que os ingressantes do curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa fazem no primeiro semestre de estudo que são: sociologia, antropologia, climatologia,

história do pensamento geográfico I e geografia da população. A maioria ter optado pela climatologia relaciona-se, como muitos chegaram a citar, pelo bom andamento da disciplina e por ver nela uma possibilidade, uma aplicabilidade e uma praticidade que não se encontra em outras áreas da geografia. A área de geografia física foi a mais citada também devido à questão da área de atuação, ou seja, dentro da perspectiva dos entrevistados a área de geografia física encontra mais espaço dentro do mercado de trabalho.

Já aqueles que citaram o assunto que mais tem chamado a atenção foi dentro da geografia humana e ciências correlatas apontaram diferentes motivos, dentre eles, questionamentos da realidade e relações com as questões sociais que na perspectiva dos entrevistados a ciência geográfica é das que mais pode contribuir para esse debate. Foi também citado que a ciência geográfica chama atenção por possibilitar o entendimento da humanidade e os problemas que afligem o mundo na atualidade.

Dentro das respostas, podemos analisar que assunto que mais tem chamado a atenção deles está relacionado com o gosto e o interesse pessoal naquele determinado assunto. Por ser este tipo de resposta totalmente subjetiva, analisar o porquê do interesse e gosto pessoal por cada assunto fica difícil. Contudo, num exercício reflexivo podemos apontar alguns caminhos como prévio conhecimento do assunto, o que pode estar ligado à influência da geografia escolar, contato com determinado assunto através de uma vivência pessoal relacionado ao cotidiano ou até mesmo a influência de outras pessoas e da mídia.

Apesar de algumas mudanças, o peso da descrição física na geografia escolar foi sempre importante, sendo que a ciência geográfica, de acordo com Brabant, é antes de tudo a disciplina que permite, pela descrição, conhecer lugares onde os acontecimentos se passaram. (BRABANT *apud* OLIVEIRA, 1994. p.17-18). Esse peso da descrição física ajuda a refletir (se) a escolha do assunto que mais tem chamado a atenção pelos ingressantes está relacionado à vivência da geografia escolar. Na geografia escolar o tratamento do fato natural, de acordo com Carvalho, continua sendo desconectado das imposições humanas sem sequer explicitar a que esse tipo de abordagem se presta e qual a sua importância

para o estudo geográfico. Essa desconexão na geografia escolar leva os alunos que citaram a geografia física a não ver a importância na sua formação de outras disciplinas ligadas a área de humanas. (CARVALHO *apud* OLIVEIRA, 1994. p. 90-92).

Nesse sentido as reflexões de Kaercher (2002) ao analisar os estudantes das suas disciplinas de prática de ensino nos apontam um motivo para esse aparente desinteresse com a área humana e seus questionamentos atuais. Para ele a Geografia Crítica não chegou as escolas ou chegou muito pouco e, as vezes, até de forma equivocada e afirma ser necessário um maior aprofundamento com o próprio conhecimento geográfico.

Ao exporem o “por que” da escolha do curso de Geografia, os estudantes em sua maioria (56,41%) responderam que o motivo de tal escolha era porque gostam da ciência geográfica ou tem interesse pessoal e vontade de apreender mais sobre ela. Outros motivos colocados para a escolha de tal curso são: o objeto de estudo da ciência Geográfica (19,81%); a influência exercida pela família (7,92%); a profissão que escolheram (7,92%); e alguns ainda não sabiam ou não conseguiram identificar (7,92%) o porque de tal escolha.

Após essa pergunta procuramos analisar o que tais estudantes entendiam como sendo a ciência geográfica, o que mais especificamente concebiam como Geografia. Um aspecto importante a ser ressaltado é que esses alunos, no momento da realização das entrevistas, já se encontravam no meio do período, tendo cursado algumas disciplinas e tido contato com alguns conteúdos e debates. Ciente desse contato inicial com alguns questionamentos, as respostas que afirmam ser a Geografia o estudo da relação entre sociedade e espaço ou o estudo da relação entre homem e natureza foram predominantes. Outras respostas dadas pelos estudantes mas que não se repetiram e que devem ser ressaltadas foram as que afirmam ser a Geografia um estudo que permite uma crítica do espaço através da reflexão, ou que permite uma “visão holística” da realidade. Algumas respostas específicas apareceram: estudar o mundo e as diferentes perspectivas que o compõem; solucionar problemas do mundo; estudar os fenômenos e suas relações com o meio; englobar várias ciências; várias áreas

de atuação; estudar os problemas atuais e sua causa e efeito em relação à atuação humana; questão da sustentabilidade; ou que tiveram a visão do que seria Geografia destruída pelo primeiro mês de aula.

Refletindo sobre essas respostas podemos perceber que o entendimento do que é a geografia construída, pelos estudantes durante a formação, na sua maioria durante o ensino médio, nos mostra, mesmo que de forma imprecisa uma certa deficiência no entendimento da geografia e do papel do espaço geográfico com opiniões imprecisas permeadas por generalidades e senso comum. O lugar geográfico que aprendemos quando estudante, ainda hoje, vindo sendo uma das máximas do senso-comum. (RIQUE, 2004).

Já quanto à questão sobre a sua opinião hoje sobre a ciência geográfica, sua satisfação e o motivo, podemos dividir as respostas em quatro grandes grupos: os que estão satisfeitos (sim); não satisfeitos (não); em partes; e os que não têm opinião formada. Estes grupos são baseados de acordo com a resposta da pergunta “você está satisfeito?”. Dessa maneira, após realizar uma análise quantitativa dos dados, observamos que, dos entrevistados: 38,46% asseguram estar satisfeitos com o curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa; 17,95% não estão satisfeitos; 20,51% responderam estar “em partes” satisfeitos; e 23,08% dos entrevistados não souberam ou optaram por não responder a esta pergunta devido ao fato de estarem no início do curso e julgaram que não tem tempo suficiente para fazer tal avaliação.

De acordo com os entrevistados pertencentes ao grupo dos que estão satisfeitos (sim), no que tange à pergunta inicial as respostas foram as mais variadas possíveis. Começam relatando a grande amplitude em relação às diversas áreas de atuação do geógrafo ao otimismo da geografia como uma ciência que se valoriza cada vez mais, tanto academicamente quanto no mercado de trabalho. Outros responderam ser uma ciência engajada em questões relacionadas à sociedade e um respondeu já ter uma visão prévia da geografia e a mesma permaneceu depois de iniciado o curso. Ao ser questionado o porquê de tal satisfação, uma parte dos entrevistados responderam estar visando o mercado de trabalho e outra por estar em um curso de interesse próprio.

Dentre os entrevistados que responderam não estar satisfeitos (não), ao serem questionados qual a opinião que os mesmos teriam sobre a geografia, notamos que o nível de variação das respostas diminuiu e passou a restringir-se a um curso amplo, importante para sociedade e alguns entrevistados que não conseguiram formular uma resposta consistente sobre o significado da ciência geográfica. Porém ao perguntar o porquê de tal insatisfação foi constatado que todas as respostas convergem para o quesito infraestrutura do curso de geografia. Sendo que as respostas mais expressivas foram: a área de ciências humanas da Universidade Federal de Viçosa é fraca; deveriam haver melhorias no curso de geografia no que diz respeito a estrutura da grade curricular; o curso deveria realizar parcerias e convênios com empresas para que se possa estimular a pesquisa e a prática; e que devem haver melhorias no corpo docente do departamento.

A opinião sobre a geografia dos entrevistados que responderam estar “em partes” satisfeitos também é bem variada. Alguns responderam que a geografia é uma ciência pouco valorizada, outros que deveria haver uma separação entre geografia física e humana, alguns disseram ainda que a geografia é uma ciência importante pelo fato de apresentar um caráter interdisciplinar. Com relação ao curso, as respostas também têm uma grande variação. Boa parte dos entrevistados abordaram a questão estrutural dizendo que é um curso desorganizado, estrutura precária, os conteúdos deixam a desejar e que existe pouca cobrança por parte dos professores. Outros disseram que o curso aborda muita teoria e pouca prática; alguns passaram no curso visando realizar o processo interino de transferência da universidade; e uma pequena parcela respondeu não entender a necessidade da existência de disciplinas como antropologia e sociologia no curso.

O restante foi uma parcela de alunos que disseram não ter opinião formada sobre o assunto. Apesar de não terem expressado a satisfação com o curso e sua opinião sobre a geografia, estes responderam a pergunta “por que?” dizendo que estão desestimulados e insatisfeitos com o corpo docente e reclamaram também

da grade curricular. Porém, por não se enquadrarem nos grupos que expressam opinião formada, tais comentários ficaram de certa maneira vagos.

Conclusão

No sentido de compreender as expectativas e satisfações dos discentes ingressantes no curso de Geografia da UFV, tivemos uma grande variedade de respostas devido a heterogeneidade da turma. Isso se deve, entre outros motivos, a diversidade de locais de origem, as diferentes vivências e formações anteriores. Dentro dessa perspectiva procuramos ressaltar certos elementos que se destacaram nas entrevistas realizadas.

O entendimento e os interesses demonstrados do que seja a ciência geográfica por esses estudantes nos leva a outra reflexão sobre a Geografia no ensino médio na atualidade. Entendemos a partir de nossas reflexões e pesquisas na realização deste trabalho, que a geografia escolar está descolada do debate teórico que é feito na universidade atualmente, devido a rapidez e a radicalidade da renovação da reflexão geográfica. Sem querer nos aprofundar nesse assunto, as repostas dadas apresentam de certa maneira uma deficiência no entendimento e compreensão da geografia como uma ciência sendo muitas vezes baseadas no senso comum.

Inicialmente, ao ingressarem no curso, os alunos reproduzem a clássica dicotomia na geografia separada em física e humana. A preferência pela “área física” deve-se ao entendimento dos alunos que há uma aplicabilidade e praticidade devido a uma possibilidade de maior atuação profissional. Entretanto, constatamos nenhum interesse pelo exercício do magistério.

Uma grande parte dos entrevistados estão satisfeitos em relação a pergunta sobre se o entrevistado está satisfeito, o que chamou mais atenção foi o “Porque?” de tal (in)satisfação. Ressaltando os que responderam estar satisfeitos, podemos afirmar que a questão da infra-estrutura do curso é um ponto de extrema preocupação por parte dos discentes. O fato é que o curso passou recentemente por uma reestruturação em sua grade curricular, e ainda sofre de algumas

carências como um corpo docente mais especializado em cada vertente da geografia (Geografia agrária, geografia da população e etc). Isso poderia deixar os professores menos sobrecarregados e, assim, os mesmos poderiam se dedicar mais a outras atividades acadêmicas como extensão e pesquisa¹, ou mesmo uma dedicação maior com o próprio conteúdo a ser trabalhado (o que foi levantado por alguns alunos é que certas disciplinas não apresentam uma cobrança relevante por parte dos professores). Outra proposta seria o fechamento de parceria com empresas e instituições a fim de estimular a prática das funções do geógrafo enquanto bacharel.

Para que possa acabar com essa noção, pautada no senso comum, sobre o que é geografia e quais seriam as possíveis áreas de atuação do geógrafo, talvez seria interessante um trabalho com os ingressantes do curso aproximando mais os professores e a coordenação a fim de tirar essas dúvidas. Isso facilitaria a postura do aluno em relação ao próprio curso, já que alguns deles não sabem nem o porque de disciplinas como antropologia e sociologia fazerem parte da grade curricular. Interessante também é que haja dentro do curso outros espaços de discussão sobre a ciência geográfica que não fique limitada somente a sala de aula.

Apesar das deficiências, o curso de geografia da Universidade Federal de Viçosa vem alcançando melhorias significativas como aumento no número de professores e de infra-estrutura. Apesar dessa melhoria estar longe do ideal e das reclamações dos ingressantes do curso, constatamos que a perspectiva e interesses dos alunos se baseiam no senso comum e no interesse pessoal sem uma devida reflexão sobre o que é a ciência geográfica. Acreditamos que distância entre a geografia escolar e as reflexões da ciência geográfica no ensino superior sejam um dos grandes responsáveis por uma falta de clareza a respeito do significado da ciência geográfica.

¹ Esse é um dos motivos de insatisfação, ou seja, vários entrevistados reclamam do fato de não haver incentivo a pesquisa no curso de geografia. Como a UFV é considerada uma das universidades que mais publicam pesquisas no Brasil tal fato destoia da realidade vivida pelos discentes de geografia do ano de 2008.

Referência Bibliográfica

ANDRADE, M. C. *Caminhos e Descaminhos da Geografia*. Campinas – SP. Ed. Papyrus. 1989.

MOARES, A. C. R. *Geografia: uma pequena história crítica*. São Paulo. Ed. Hucitec. 14ª ed. 1995.

OLIVEIRA, A. U. *Situação e Tendências da Geografia*. In: _____. *Para Onde Vai o Ensino de Geografia*. 5ª ed. São Paulo, Contexto, 1994.

BRABANT, J. M. *Crise da geografia, Crise da Escola*. In: OLIVEIRA, A.U. (Org) *Para onde vai o ensino de geografia* 5ª ed. São Paulo, Contexto, 1994.

CARVALHO, M. B. *A Natureza da Geografia no Ensino Médio*. In: OLIVEIRA, A.U. (Org) *Para onde vai o ensino de geografia* 5ª ed. São Paulo, Contexto, 1994.

KAERCHER, N. A. *O Gato Comeu a Geografia Crítica? Alguns Obstáculos a Superar no Ensino Aprendizagem de Geografia*. In: PONTUSCHKA, N. N., OLIVEIRA, A. U. (Orgs). *Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo. Ed. Contexto. 2002.

RIQUE, L. *Do Senso Comum a Geografia Científica*. São Paulo. Ed. Contexto. 2004.

Anexo
Entrevista

1)Sexo: () feminino
() masculino

2)Idade: () até 18 anos
() 19 anos
() 20 a 24 anos
() 25 a 29 anos
() 30 anos ou mais

3)De onde você vem? () Viçosa
() Zona da Mata Mineira
() Outras regiões de Minas Gerais
() São Paulo
() Rio de Janeiro
() Espírito Santo
() Bahia
() Distrito Federal
() Outros

4)Por que Viçosa?

5)Que assunto mais tem chamado sua atenção? Por quê?

6)O que você entende por Geografia?

7)Por que a escolha da Geografia?

8)Qual é a sua opinião hoje sobre a Geografia? Você está satisfeito? Por quê?
